

Construções subjetivas de um drogadicto

Henrique Figueiredo Carneiro
Francisco Antonio Guimarães Filho

190

Trata-se de um estudo de caso realizado com a intenção de investigar as construções subjetivas efetivadas por um drogadito em regime de tratamento semi-aberto. A drogadição é um sintoma social que eclodiu em grande escala na contemporaneidade. O drogadito encontra-se adicionado ao objeto droga como se este fosse lhe garantir a felicidade plena. Sua problemática é complexa, pois causa para o sujeito certo empobrecimento subjetivo e um enfraquecimento dos seus laços sociais. Nosso percurso teórico teve como referencial a Psicanálise. O nosso estudo de caso é uma pesquisa de cunho qualitativo, tendo como instrumento de coleta de dados, entrevistas semi-estruturadas. Os dados foram organizados sob forma de categorias temáticas que enfocam as construções subjetivas do sujeito e da sua relação com a droga, com as pessoas, e com os demais objetos. Os resultados demonstraram uma afetação subjetiva do drogadito, comprometendo sua relação com os outros e com os demais objetos. Com a entrada no tratamento, o sujeito faz algumas construções subjetivas na tentativa de sair desse posicionamento em relação ao tóxico. O sujeito recai e sai do tratamento continuando a fazer construções subjetivas acerca da sua relação com a droga, com os demais objetos e com as pessoas.

Palavras-chave: constituição subjetiva, afetação subjetiva, drogadição, Psicanálise, tratamento semi-aberto

1. Objetivo

O objetivo da pesquisa foi analisar as construções subjetivas um sujeito usuário de drogas em regime de tratamento semi-aberto, referentes à relação com a droga, com os demais objetos e com os semelhantes.

Foi investigada a condição subjetiva do sujeito, na sua relação com a droga, com os demais objetos e com os semelhantes, antes e durante a adição às drogas, e as retificações subjetivas durante e após o tratamento.

2. Metodologia

Sujeito da pesquisa

A escolha do sujeito ocorreu a partir da consulta aos prontuários, das informações obtidas com os profissionais e da observação clínica do pesquisador.

A proposta inicial de trabalhar com um sujeito em decurso de alta favoreceu a obtenção de dados referentes ao momento em que deixava a instituição, e suas lembranças sobre o período em que iniciou o tratamento. Com isso, buscava-se a comparação entre a condição subjetiva do período inicial e do final de tratamento do toxicômano, possibilitando uma avaliação das transformações ocorridas a partir da conclusão deste processo. Outro fator que justifica este recorte é que as entrevistas realizadas no início do tratamento poderiam ser inócuas, considerando que o toxicômano está num nível de comprometimento pulsional intenso com as drogas ao ponto de apresentar condições restritas de diálogo e não oferecer ainda uma mudança subjetiva significativa decorrente do tratamento.

O sujeito da pesquisa havendo sofrido uma recaída antes da alta, abandonou o tratamento. Pelo fato de não podermos mudar de foco, em razão de não existirem sujeitos em tratamento que já estivessem no caminho da alta, resolvemos dar continuidade à pesquisa com o mesmo caso. Para ajustar a pesquisa à nova realidade, foi necessária a realização de mais entrevistas para levantamento das construções

subjetivas efetivadas pelo sujeito neste interstício. Neste sentido, não foram investigadas apenas as construções subjetivas efetivadas durante o tratamento, mas, também, as construções subjetivas efetivadas após o abandono do tratamento, além da afetação subjetiva sofrida pelo sujeito na adição à droga.

No estudo, as questões relativas aos critérios de sexo e idade foram subjugadas ao escolhermos o local de realização da pesquisa, já que este já inclui critérios para esses aspectos. O tipo de droga também não foi algo importante como critério, pois o enfoque do estudo está pautado na relação que o sujeito mantém com ela, e não em suas propriedades químicas.

O Locus

Realizada no Centro de Convivência Elo de Vida. A instituição apresenta uma proposta de transformação do dependente químico numa pessoa autônoma, capaz de realizar um projeto de vida construtivo, de aprender a estar bem consigo mesma e com os outros, dispensando o uso de substâncias psicoativas. A meta da equipe é construir no dia-a-dia com os pacientes um modelo de serviço baseado na co-responsabilidade, a partir de uma convivência harmônica, de respeito individual e coletivo e de compromisso com uma nova vida. O Elo de Vida constitui um serviço autônomo, contudo interligado a outros dois serviços: CEPAD – Centro de Estudos, Pesquisas e Atendimento ao Alcool e outras Dependências e Unidade de Desintoxicação, que juntos compõem o Núcleo de Atenção ao Usuário de Drogas, no Hospital de Saúde Mental de Messejana, na Cidade de Fortaleza no Estado do Ceará.

O atendimento está projetado para adultos do sexo masculino, usuários de álcool e outras substâncias, que queiram tratar sua doença. O programa prevê também a participação da família, como condição para a recuperação e reintegração social do indivíduo.

A equipe e o funcionamento

Com uma equipe interdisciplinar composta por profissionais de nível superior (médico psiquiatra, psicólogo, terapeuta ocupacional, enfermeira, assistente social), médio e elementar, o Elo de Vida trabalha em regime semi-aberto, de 8:00 às 17:00 de 2ª a 6ª feira, com capacidade para atendimento a 45 (quarenta e cinco) pacientes/dia.

A metodologia de trabalho prevê a formação de grupos com 15 pacientes, selecionados por faixa etária e/ou tipo de droga consumida. Os grupos são supervisionados por um terapeuta que coordena a programação diária, mediante quadro de atividades preestabelecido, incluindo atividades lúdicas, profissionalizantes, esporte,

vídeos educativos, grupos operativos, seminários e outras, visando sempre a alcançar o retorno desse paciente à sociedade.

O estudo de caso e as fontes de evidências

Segundo Yin (2001), em *Estudos de Caso: planejamento e métodos*, o estudo de caso é uma estratégia de estudo abrangente em várias fontes de evidência, com os dados precisando convergir em forma de triângulo. Quanto maior o número de fontes de evidências, maior a consistência do estudo de caso. Neste sentido, a coleta de dados para o estudo de caso pode e deve se basear em muitas fontes de evidências. As fontes utilizadas neste estudo foram entrevistas e prontuários.

Entrevistas

A pesquisa qualitativa lida com interpretações das realidades sociais e o protótipo mais conhecido é, provavelmente, a entrevista em profundidade. No pensamento de Medina (1986), a entrevista é uma forma interativa que tem por finalidade recolher fatos, sentimentos e comportamentos, transcendendo a mera objetividade e atingindo a subjetividade. É uma forma de obter informações sobre como as pessoas dão sentido e explicam determinadas experiências de suas vidas. A entrevista, como referido anteriormente, será utilizada como instrumento para a obtenção dos dados. Para Yin (2001), uma das mais importantes fontes de informação para um estudo de caso são as entrevistas, uma fonte essencial para os estudos de caso, já que a maioria delas trata de questões humanas. A partir deste fato, restringimos as fontes de evidências utilizadas no estudo de caso em questão entrevistas e prontuários.

Para isso efetuamos entrevistas: com o sujeito usuário de drogas, sua mãe, com seu pai, com sua ex-esposa, com sua ex-amante, e sua irmã. Inicialmente, pensamos realizar entrevistas com as pessoas responsáveis pela execução das atividades do tratamento, mas, em razão do número relativamente grande de pacientes dentro do tratamento, os responsáveis por essas atividades não tinham dados muito precisos e relevantes para os objetivos da pesquisa. Desta forma, priorizamos as entrevistas das pessoas que tinham um contato mais próximo e constante com o sujeito da pesquisa. A profissional mais próxima do usuário era uma psicóloga da instituição, que deixou a instituição.

As entrevistas são feitas com o intuito de obter os dados relativos a construções subjetivas realizadas pelo sujeito. As entrevistas cobriram o momento em que o sujeito estava em tratamento e depois do abandono, bem como as referências indicadas pelas pessoas próximas que puderam fornecer informações acerca de

suas relações. As entrevistas com as pessoas próximas foram feitas no segundo momento, quando o sujeito já havia desistido do tratamento.

As entrevistas foram realizadas de forma individual para proporcionar maior profundidade de cada caso de ensejar um maior conforto para que o sujeito pudesse estar à vontade a fim de falar sobre temas mais íntimos e, temas de maior complexidade subjetiva que implicavam em suas escolhas individuais.

Estimulamos o entrevistado a falar livremente a partir da sua associação de idéias, exprimindo tudo o que lhe ocorresse a partir dos tópicos da entrevista.

A duração das conversas era no máximo de uma hora para que não ficasse cansativo para o entrevistado nem para o entrevistador. No total foram: quatro sessões de entrevistas para o sujeito; uma para mãe; uma para o pai; uma para a ex-esposa; uma para a ex-amante e uma para a irmã.

As entrevistas semi-estruturadas possibilitam aos indivíduos que se referiram a temas que não estando diretamente citados pelo roteiro são de extrema importância para a pesquisa. Medina (1986) assevera que este tipo de entrevista proporciona facilmente um deslocamento do diálogo em direção ao entrevistado, ocorrendo um desbloqueio da relação inter-humana, fazendo com que o sujeito possa entrar numa auto-exploração, ou seja, realmente se concentrar em suas experiências, originando uma maior riqueza para os dados.

Seguimos ainda as orientações de Rubin e Rubin (1995), introduzido tópicos e focado as discussões em questões mais específicas que permitem uma abordagem mais aprofundada.

Como trabalhamos no caso estudado com entrevistas semi-estruturadas, não seguimos um roteiro rígido, permitindo aos entrevistadores discorrer sobre o tema proposto, sem a imposição de tempo ou seqüência de questões, facilitando a interação ativa do entrevistador com o entrevistado e a fluidez dos relatos. Conduzimos as entrevistas, de modo que o sujeito se sentisse livre na exposição de cada tema e não conduzido na sua comunicação, fato que não impediu uma valorização de tópicos de interesse para o objetivo da pesquisa.

Destra forma os roteiros foram preparados com base na proposta da pesquisa. Foram adotados sete roteiros: – dois para o sujeito em regime semi-aberto (referentes ao momento em que ele se encontrava em tratamento e após o abandono); um para mãe; uma para o Pai; um para a irmã, um para a ex-esposa, e um para a ex-amante.

Lembramos que foi mantido o sigilo com relação à identidade dos entrevistados sendo atribuído, para tanto, nomes fictícios: o usuário em tratamento semi-aberto (José); mãe (Nélia), Irmã (Tereza), pai (Chico), ex-mulher (Adriana) e ex-amante (Cláudia).

Prontuário

Tivemos acesso ao prontuário do sujeito a partir de autorização da diretoria do Elo de Vida e de acordo com o protocolo da pesquisa, autorizada pelo Comitê de Ética da Universidade de Fortaleza. A leitura do prontuário permitiu que tivéssemos mais uma ferramenta de acesso, apesar de superficial, ao percurso feito pelo sujeito dentro da instituição.

3. Discussão e análise dos dados

Passamos a descrever, a partir das categorias construídas para o estudo, os fragmentos de relatos acompanhados das respectivas análises, sempre direcionadas ao objetivo do trabalho.

Categoria: A Relação com o objeto droga

Antes da adição a droga

A idéia relativa à droga, na primeira fala da mãe do sujeito, era de que ele via a droga como algo que não levava a nada, só fazia adoecer.

Ele não usava não, ele tinha era raiva porque eu fumava cigarro. Aí ele dizia que não sabia por que eu vivia fumando aquilo porque aquilo não ia levar a nada só ia fazer eu ficar doente. Ele dizia as coisas com as pessoas que fumavam cigarro, usavam drogas ele dizia as coisas, ignorava aquilo, achava que não era certo (mãe).

Com o decorrer do tempo, porém, ele começou a ser influenciado pelo discurso dos amigos, voltado para o prazer, para a “balada”. Podemos nos remeter com isso a Jurandir Freire Costa (2004), quando ele nos fala, em *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*, que os críticos da Modernidade afirmam que o processo de globalização enfraqueceu as tradicionais instâncias doadoras de identidade e normas, e que o indivíduo tem hoje como um dos principais suportes de identificação o hedonismo e o narcisismo.

Dentro de sua análise feita sobre a cultura moderna, ele cita “o ideal da felicidade das sensações” como sendo uma das manifestações decorrentes da mudança de referência moral. Esse ideal diz respeito à busca pelo prazer do êxtase, ou seja, intenso e passageiro.

Este discurso dos amigos começa a se apresentar cada vez mais forte para o sujeito, e se refere à relação com a droga como algo “maravilhoso, fora da realidade”.

de”. Isso remete o sujeito à possibilidade de alcançar um gozo mítico, o gozo completo, que segundo Lacan, viria antes da Lei. O sujeito teria acesso a partir dele à quota de gozo que lhe fora interdita. Esta modalidade de gozo faz referência a uma suposição do sujeito de que existiria um estado original de completude, mas este estado é apenas uma ficção do sujeito.

O discurso dos amigos falando da droga como algo maravilhoso pode ser um representante de uma lógica discursiva capitalista. Segundo Nogueira Filho (1999), o discurso capitalista ou discurso da pós-Modernidade pode ser lido como a tentativa de um sujeito situado na sua falta de gozo estrutural, relativa à sua posição dentro da civilização. Desta posição se forma uma demanda ao saber científico quanto a produção de um objeto perfeito, capaz de facilitar um gozo, que, sem consequência, venha acabar com a sua limitação, seu mal-estar, sua divisão, ou seja, sua castração, capaz de produzir o gozo que falta. Neste sentido, o “fora do realismo” colocado pelos amigos poderia ser referenciado como “fora da cultura” que impõe a castração para o sujeito.

Para Carneiro (2007) esta é um exemplo que ilustra perfeitamente sua tese de um Amo sem rosto que conduz pelo discurso capitalista o sujeito a uma necessidade do consumo, já bem distanciado de sua condição desejante inicialmente constituída. Enfim, uma situação que trata de um déficit subjetivação. É quando o sujeito passa a ser gozado pela droga. No segundo fragmento fica clara a presença de um Amo que distribui sua ingerência através do próximo e que desloca a responsabilidade para qualquer pessoa que faça às vezes de um distribuidor de felicidade.

Eu comecei por curiosidade, por ver as pessoas fazer e via que era bom, que dava uma viagem, que era maravilhoso, que era uma curtidão fora do realismo. Até então eu não tinha curiosidade, tinha experimentado o psicotrópico, e o psicotrópico usei né... (drogadito)

Ai um amigo chegou e disse: ei arruma ai pra mim... Ai eu disse: eu vou tentar. Ai eu consegui para ele. Ai eu disse: mas rapaz pra que tu quer isso? Ai ele disse: rapaz é porque eu vou pra uma festa, ai eu quero ir mais ativo e tal, curto muito mais a festa, não tem nada que me derrube, a curtidão é total, muito maior... Ai bateu aquela curiosidade. (...) Ele não era desinibido de cara, mas depois que tomava um psicotrópico e bebia uma geladinha, ficava o dono da situação. (drogadito)

O ideal de perfeição se apresenta como uma possibilidade para o sujeito a partir da relação com a droga. Durante seu trabalho no teatro, entra em evidência a cobrança por um profissional ideal, que “agüente o rojão, que passe noites em claro, trabalhando”. O discurso atual cobra que o sujeito seja uma espécie de “super-homem”. Na experiência com seu amigo, foi ofertada a ele a possibilidade de se chegar a esse ideal de perfeição pelo do uso das drogas: “o cara fica um super-

homem”. Isso começou a influenciar o sujeito a abandonar um ideal de eu, que remete a um corte e sair em busca de um eu ideal sem limites a partir do uso desregrado da droga. Isso começou a influenciar o sujeito a pensar na possibilidade de alcançar um eu ideal a partir de uma relação direta, ou seja, sem limites com o objeto droga, abandonando assim um ideal de eu, que remeta a um corte, uma barra onde o sujeito só pode se relacionar com os objetos mediados pelo significante.

Ai apareceu a cocaína, devido ao meu sistema de trabalho e tudo. Porque eu trabalhei na arte, no teatro. E no teatro rola muito essas coisas... Porque vamos dar um téco para agüentar o rojão. “Vamos dar pra ficar mais ativo...”. Ai eu cai na bobeira e experimentei... (drogadito)

Eu vi o cara, de repente o cara com alguns segundos mudou. De repente o cara tava puxando cabo, subindo escada, correndo de um lado pra o outro. Ai eu pensei: vixe! O cara ta um super-homem agora. (drogadito)

Gostei, fiquei ativo, tava ‘caidão’ fiquei ativo, correndo de um lado por outro, senti a diferença. Aí, fiquei na cocaína. Mas não usava todo dia não, de mês em mês eu usava, de duas em duas semanas. Quando eu ia curtir mesmo, que eu tinha o meu transporte, eu fazia. Mas ai eu passei a querer conhecer as fontes. (drogadito)

A relação com a droga começa a aparecer para o sujeito como a possibilidade de um retorno ao eu ideal, instância que, de acordo com Freud (1914), sustentava a perfeição narcísica. Com a desilusão da perfeição narcísica, há o surgimento de outra instância, o Ideal de eu, capaz de acolher sementes de ideais direcionadas ao futuro, sem negligenciar os limites, como tentativa de restabelecer a completude narcísica. A relação com a droga neste sentido seria a promessa de uma onipotência para o sujeito, que conseguiria alcançar este ideal sem ter que se submeter a limites de nenhuma ordem.

Podemos perceber que em um primeiro momento o sujeito se depara com uma promessa de um ideal de perfeição e vai a busca dele a partir do uso das drogas.

Um parente meu disse que tinha aparecido um negocio novo ai. E disse que era bom. Melhor do que o pó. Que era o Crack. Perguntou se eu queria provar. Eu disse que sim... Eu comecei bem, comecei controlado, a primeira, a segunda semana, o primeiro mês, quando chegou no quarto mês eu perdi o animo de trabalhar, e só queria usar. (drogadito)

Entretanto, este é um ponto que Carneiro (2007) chama atenção na diferença de lugar entre uma cultura narcisista, - categoria massificada de um diagnóstico que não se adéqua a um discurso de massa -, para uma condição de clamor narcisista, que reclamaria mais um lugar subjetivo perdido com o déficit de subjetividade

promovido pela ausência de um Amo esvaziado de qualquer identificação plausível. Segundo o autor, isto promove a perda da fé do sujeito na sua existência e uma insistência no primado da pulsão de morte.

Durante a adição à droga

Essa busca, como pode ser visto nos relatos, vai ganhando com o tempo uma conotação de necessidade da droga, ou seja, a única coisa que interessa e que pode satisfazer o sujeito é a droga. Com isso, o sujeito vive em busca dela, fazendo com que sua vida toda gire em função do acesso a mesma.

Eu queria toda hora e todo dia, eu já não trabalhava mais pra comer, eu trabalhava pra manter o vício. Se você me chamasse pra fazer um serviço eu dizia: puxa eu vou ganhar tanto da pra comprar tantos bombons. (drogadito)

Quando era no domingo, cadê a renda do bar? Não tinha. Tinha gastado tudinho. E ele não parava não, chegava pegava o dinheiro que tinha apurado e se mandava com os outros na garupa da moto, só voltava quando se alisava atrás de mais.(mãe)

O que pode ocorrer, consoante Nogueira Filho (1999), é que, quando o sujeito adere a essa relação em busca desse ideal, a droga proporciona uma alteração orgânica que implica uma alteração da constância do ímpeto pulsional, intensificando a partir de sua fonte orgânica. Isso causa uma “designificantização” da borda erógena, remetendo a um corte entre significante e fonte orgânica.

Segundo Santiago (2001), fazendo referência a Lacan, a droga seria responsável pelo rompimento do casamento com o pipi, ou seja, romper com a castração. O objeto foi perdido com a entrada do significante; o que a droga faz é um enfraquecimento desse significante, pois este, que é responsável por matizar o desejo, foi levado embora quando o corpo foi invadido por uma indicação de prazer que não mais necessita passar pelo desfiladeiro das palavras e, assim, pode ser perene e constante.

O que ocorre como podemos ver com o sujeito nesse estado, é um curto-circuito pulsional, pois o sujeito se fixa à droga, contrariando sua condição desejan-te, na qual não existe para o sujeito um objeto que realize seu desejo. Por isso circula entre os objetos e não se fixa em um objeto-fim, como no caso da necessidade. Esse curto-circuito ocorre, então, entre a fonte biológica da pulsão e o significante, abrindo espaço para o organismo, “designificantizado”, no qual a droga aparece quase como o objeto de sua necessidade.

Neste sentido, a satisfação se aproximaria ao encontro do objeto da necessidade, que é um objeto específico. Assim o sujeito adere à droga como se este fosse o objeto da necessidade, objeto único, desprezando todo e qualquer significado. Para Nogueira Filho (1999), é um sujeito que se “instintiviza” e coloca a palavra em

segundo lugar. Isto colabora para o distanciamento entre o corpo e a palavra, coalizão tão fundamental para a constituição e manutenção do sujeito desejante.

... era só de casa pra bocada da bocada pra casa. Era só a droga, a droga girava em... era um círculo, e eu não poderia ultrapassar (...) Num era um carro novo, não era uma mulher mais linda que fizesse eu mudar minha opinião. Minha opinião era aquela. (drogadito)

Essa posição em relação à droga só pode ocorrer se houver um prejuízo da castração. O falo, neste caso, já não funciona como limite do gozo, como limite do acesso que tem ao real do seu corpo. Para se posicionar desta forma, o sujeito está situado fora do gozo fálico, escapando do campo da castração ou não fazendo parte dele. Neste sentido, todo gozo que rompe as barreiras significantes do corpo do simbólico e apela para o corpo do real, rompe a barreira do gozo fálico e se liga a um gozo interdito, o *mais-gozar*, que mantém estreita ligação com o objeto, mas cuja referência última e radical é o gozo do Outro.

Durante o tratamento

Quando o sujeito adere ao tratamento, percebemos que no curso da terapêutica, a idealização da droga ainda continua. Podemos observar isso na hora em que ele diz que a droga é boa para quem sabe usar, e fala de um “pó bom”. Essa idealização é algo que impulsiona o sujeito em busca da droga, é a possibilidade dele se encontrar com um ideal de satisfação e bem-estar a partir do consumo da mesma, neste sentido, ela é uma porta para gozar mais, para o *mais-gozar*. É tanto que podemos constatar no discurso dele que ele sente vontade de usar drogas.

No momento eu não estou utilizando a droga. Porque eu vejo assim: a droga é boa, mas pra quem pode usar e pra quem sabe usar. Não tem a história de quem sabe usar que um dia vai... Mas às vezes eu sinto falta, mas não quero mais, eu sinto vontade de da um “teco” num pó, num pó bom... Mas eu sei que eu não posso e eu não quero. Agora eu não quero, eu sinto vontade, mas eu não quero eu não posso, porque eu sou um viciado compulsivo, eu sou sem limites. E a minha memória não me deixa esquecer. (drogadito)

Ocorre que, durante o tratamento, começa a se estabelecer um limite a partir da entrada de um significante entre o corpo e a droga. O significante “doente” atrelado ao sujeito apresenta-se como a possibilidade de uma barra, de uma palavra que interfira na relação direta com a droga. Nogueira Filho (1999) comenta que a estratégia mais popular da dependência a drogas na atualidade, os “doze passos”, visa, sem dúvida, favorecer ao drogadito o encontro de uma palavra. Com isso restabelece a presença do significante, que estava tão afetada pela droga, fortalecendo, como diz Nogueira Filho (1999), a vinculação entre o significante e a fonte orgâni-

ca da pulsão, barrando a relação direta com a droga, condição importante para a manutenção do sujeito desejante. Mas, por esta via, segundo o mesmo autor, quando este sujeito encontra alguma palavra, é sob a forma de um enunciado cristalizado na fórmula “eu sou toxicômano”.

O que eu tinha era uma doença, na realidade é uma doença que a qualquer momento pode se manifestar, eu preciso de tratamento para essa doença. Se eu me conscientizar de que é uma doença e eu tenho que me tratar e evitá-la eu tenho chance de me curar. (drogadito)

O sujeito, nesse momento, se distancia da droga. Esse distanciamento, só é possível a partir de certa organização fálica, algo que sustente a estrutura simbólica e determine a relação com o objeto mediada pelo significante, e não mais de forma direta como era antes com a droga. Carneiro (2007), quando discute as formas de sofrimento psíquico decorrentes do esvaziamento do sentido e uma inflação imaginária, faz uma referência bem destacada ao corpo e a carga de sinais que o sobrecarrega nos momentos em que o discurso do consumo o confisca pela via pulsional. Para o autor, a arte da escuta neste momento implica o analista em uma posição que se constitui a partir da indicação do paciente. E a posição do paciente, neste caso, é a de apresentar-se mediante o corpo, muitas vezes silenciado, como tábuas de escrituras, perfurado, marcado, exigindo do analista uma escuta baseada em uma intervenção que possa causar um reencontro com o significante.

Esta operação permite que o sujeito comece a recobrar a importância da presença do outro em sua vida. Diz que sozinho ele não conseguiria sair das drogas. Isso indica um abandono do caráter de auto-suficiência do toxicômano possibilitado pela fixação à droga e pela prevalência de um gozo diretamente no corpo. Em vez disso, neste momento, o sujeito parece estar seguindo um gozo mediado pelo significante, evidenciando aí a retomada da prevalência do símbolo, ou seja, de certa organização fálica, nas relações do sujeito.

Mas quando eu realmente comecei a entender o tratamento, porque antes eu vinha com uma máscara né, aí eu tive uma recaída e minha máscara caiu. Aí eu vi a importância que tinha isso daqui, o tratamento. Porque eu posso até dizer: “Eu fico bom”, mas sozinho eu não fico não. Só eu não fico. Eu sempre iria procurar o máximo pra usar droga, sempre. É na chateação, é no choro do menino, era uma topada que eu levasse no meio da rua. Sempre seria o caminho para eu vir pro caminho da droga. (drogadito)

Os limites impostos pela sociedade começam a ganhar peso, ou seja, valor para o sujeito, e ele começa a fazer uma reflexão do que o uso das drogas podia levá-lo a cometer. Ivone Ponczek (1993) expressa que, na sua relação com a droga, o sujeito embaralha sua mente pela via química, ocorrendo uma desorganização da dupla “prazer e desprazer”.

Desconsiderando o princípio da realidade, o sujeito submete a risco sua sobrevivência e a dos outros. Com o retorno deste princípio, o sujeito sofre um desprazer muito grande, ao perceber o corte brusco e desprazeroso que este acarreta e ainda terá que lidar com os desinvestimentos para com o outro e para consigo mesmo. Quando o efeito se acaba, o encanto se quebra. O falso princípio do prazer deixa seus efeitos mortíferos, os desinvestimentos para com o outro e consigo mesmo. É como se houvesse uma quebra de continuidade e o vivido sob o efeito de drogas fica “entre parênteses”. Esta relação é importante de ser pensada a partir de Freud (1924), no seu texto *O problema econômico do masoquismo*, mais precisamente quando chama atenção para o curioso fato do sujeito passar a ser regulado por uma economia psíquica em que o guardião do psiquismo – o princípio do prazer – foi narcotizado. Como consequência, o sujeito passa a ser guiado por uma gama de atos que confundem os ideais e subjugam a representação.

Graças a Deus eu nunca fui preso, nunca fui em uma delegacia, mas por pouco não aconteceu porque eu estava no caminho e ainda bem que eu enxerguei antes de chegar lá. Porque o problema da droga é: eu nunca fiz isso, eu nunca fiz aquilo, mas ia fazer, porque a droga estava me levando pra isso. (drogadito)

No decorrer do tratamento o sujeito recai várias vezes e acaba desistindo. A retificação simbólica não foi suficiente para barrar, ou pelo menos silenciar, a fonte biológica da pulsão que, atrelada a uma peculiar idealização da droga por um discurso que aponta para uma satisfação plena, foi acostumada com uma relação quase direta com a droga, como se esta fosse um objeto da necessidade.

No começo do tratamento, ele ficava em casa, não saía pra canto nenhum não. Aí do meio pro fim ele, começou aparecer aquela dos amigos, convidava ele pra ir comer churrasco, aí ele começou essas viagensinhas pra churrasco, aí pronto. Aí foi quando ele resolveu a fazer besteira de oito em oito dias. Por que, ele ia pra casa dos amigos, né. Aí quando ele vinha de lá, já ficava pelos cantos né (mãe).

Após o tratamento

O drogadito resolveu então sair do tratamento. De acordo com ele, o mundo dele dentro do tratamento gravitava ao redor das drogas. Ele fala que neste sentido o próprio tratamento estava virando um vício.

Foi assim... eu tava lá, mas tava com vontade de usar. Aí eu disse: Pôxa, eu to tanto tempo aqui, com essa mesma vontade de usar, eu vou ficar em casa. Eu achei... Por que eu já to com quatro meses, aí só caindo, recaíndo, só recaíndo... Quatro meses, aí o tratamento passou também, já passou a ser vício né. (drogadito)

Nogueira Filho (1999), ao falar do encontro com a palavra a partir de uma forma de enunciado cristalizado, tipo “eu sou toxicômano”, alerta para a pobreza dessa formula, pois parte do princípio que não apresenta desvencilhamento possível. Neste sentido, tanto a condição toxicomaníaca quanto a proposição terapêutica produziram, nesta vertente, um misto de desalento e admiração dado que, caso constitua um saber, é um saber sem pulsão e sem Outro e, conseqüentemente, um saber instintivo. É como se o sujeito estivesse numa posição de servo mantendo-se acorrentado a esta novidade, a este significante.

Ele relata que as pessoas só falavam em drogas e ainda incentivavam o seu consumo. Abriam novamente a possibilidade para o seu uso. A droga continuava muito forte no imaginário do sujeito, e o discurso dos amigos o influenciava a continuar usando. Esse discurso funcionava como um imperativo de gozo, um constante convite ao gozo com a droga.

É sempre entrando gente mais nova, e incentivando né (...) As pessoas só falam... É só pedra, só maconha, só cachaça, não tem outro assunto. Aquilo vai entrando na cabeça da gente. Aí chega um e diz: “Ô, eu to com vontade, amanhã eu vou dá um dois e tal” “eu não agüento mais, eu acho que eu posso”. Aí eu ficava assim... Aí, rapaz sabe que eu não vou mais não, sabe que vai me fazer é mal. (drogadito)

Inclusive, quando eu sai, eu tive até um convite, de um rapaz lá que era veterano igual a mim, ele me fez um convite né. Tanto que eu não fui né. Que foi na época que eu cortei o tratamento. Sabe que eu não vou não. Que eu vou acabar indo. Aí eu peguei e não fui mais não. (...) Eu deixei assim, que eu ia tentar sair dessa vida sem o tratamento mesmo. Que o tratamento já tinha dado o que tinha de dar. (drogadito)

Ao sair do tratamento o sujeito diz que só ficaria se fosse internado. Isso pode significar uma fragilidade simbólica do sujeito, pois este não tem um aparato simbólico forte o suficiente para realizar o luto da droga. Com isso seria necessária uma intervenção no real para que o sujeito pudesse se sustentar numa posição de abstinência da droga, ou seja, algo no real que impedisse o contato do corpo do sujeito com o objeto droga, que seria o internamento.

Ele disse que só queria voltar se fosse ser internado “mãe eu preciso de me internar, porque se for de ir todo dia e voltar eu vou continuar na mesma. Eu quero ir pra ficar” (mãe)

Com a impossibilidade de tratamento integral, o sujeito diz que vai fazer de conta que está em tratamento internado. Isso exige dele uma tentativa de fazer uma simbolização dessa barreira no real, ou seja, a partir de um corte no real criar uma barreira no simbólico, sustentando-o numa posição de falta, conseqüentemente desejanste.

“Pois então mãe eu não vou mais não. Vou pagar umas contas, vou fazer um sacrifício e vou fazer de conta que estou internado e pronto”. (...) Se segurou mais. ele disse que vai dar um jeito de conseguir se recuperar sem precisar né. (...) Ele disse que vai fazer o sacrifício, pra ficar bom sem precisar. (mãe) Eu acho que eu já to com quase dois meses sem usar. Tá com quase pois meses que eu deixei de ir né. (drogadito)

É neste ponto que se percebe claramente uma das propostas pactuadas que não pôde ser barrada pela mãe. Ao contrário, o clamor do sujeito nesta ocasião, apresentada como uma demanda de amor foi atendida pela mãe e põe em xeque toda a operação de desinvestimento na droga. Esta é uma das ameaças ao tratamento semi-aberto, quando não há uma maciça colaboração entre a instituição e a família, capaz de sustentar este tipo de demanda intermediada com uma intervenção em nome da lei.

Categoria: A relação com os semelhantes

Antes da adição às drogas

Podemos perceber, diante das relações familiares do drogadito, que, de acordo com o discurso da mãe, que o sujeito goza de um lugar privilegiado dentro das relações subjetivas estabelecidas na família. A mãe quase nunca diz um não para esse filho. Diz que tudo era permitido para ele.

...ele para mim é tudo na minha vida. Eu gostava mais dele do que dela. Ela tinha até assim, às vezes ela se queixava, porque ela achava que eu gostava mais dele. E ela dizia: a mãe faz tudo pelo José e eu já é diferente. (...) Porque ela, é muito difícil eu da as coisas para ela, já ele, ele pediu eu já tô fazendo esforço para dar. Sempre foi assim. (drogadito)

Nunca, às vezes eu digo não, ai me arrependo de pressa vou bem ali e volto atrás. Esta aqui eu disse que não tinha, mas esta aqui. (...) Ai eu dizia para ele meu filho tenha paciência a mãe vai dar um jeito viu, vai arranjar. Ai ele dizia estar certo. Ai eu pegava batalhava e conseguia para dar a ele. (mãe)

Eu saía para trabalhar quando chegava ele tinha vendido qualquer coisa dentro de casa. (...) Um dia eu cheguei ele tinha vendido geladeira... (...) Ai eu disse: “pois então ta bom, ta certo, tem problema não”. Ficamos sem geladeira, ai depois eu comprei outra e botei no canto. (mãe)

O pai, dentro dessa relação, era completamente ausente. Alcoolista, quase nunca falava com o filho.

Se ele chegasse bom e se sentasse assim num sofá ele mais o José, ninguém dizia nem que era parente, porque ele não dava uma palavra. Era calado, parecia assim dois estranhos. Não dialogava, não tinha nenhuma participação na educação, nunca se preocupou de ele ir no colégio, de arrumar o dinheiro de uma passagem para ele ir não, comprar um livro, de jeito nenhum, tudo era eu (mãe).

A mãe, na educação do filho, o remete neste sentido muito pouco à lei. O pai, figura muitas vezes responsável pela inscrição da lei, não aparece no discurso da mãe.

De acordo com Dör (1991), essa entrada do Pai é possibilitada pela Mãe. Só a partir do momento em que a criança percebe que a mãe tem interesse por algo que não é ela, é que fica aberto o espaço para a entrada do Pai. Desta forma a entrada da figura do Pai depende do interesse que a mãe demonstra em direção a ele.

Eu nunca falei nada do Pai dele. Porque ele tava vendo n'era, como era o Pai. Eu não falo de jeito nenhum, dizia era nada. (mãe)

Não sei nem dizer, quem dava os estudos dele, era a mãe dele. (...) Não. Nunca me meti com isso não. Era só a mãe dele, a mim ela nunca falou nada. (Pai)

Podemos deduzir que há uma fraca inscrição do Nome-do-Pai. Neste sentido, o significante que representa a ausência da mãe encontra-se atrofiado. Os relatos apontam para uma deficiência no processo de separação para o sujeito, em que ele parece estar muitas vezes submetido ao regime da alienação. O sujeito fica numa relação com a mãe, abrindo-lhe a possibilidade de ser o objeto que venha a satisfazer o desejo da mãe. O sujeito fica tomado pelo imaginário, ou seja, há aí uma inflação do imaginário abrindo a possibilidade para o sujeito de tornar-se Um na relação com o Outro. É fácil perceber que esta relação ilimitada que ele tinha com a mãe, o sujeito tende a estabelecer com a mulher e posteriormente com a amante. Esse tipo de relação acaba remetendo o sujeito facilmente a intensas frustrações.

Juntamente com a operação de alienação, a separação – resultado da castração - compõe aquilo que Lacan (1964) chama de operações de causação do sujeito. A castração, que permite a separação (relativa) do sujeito em relação ao Outro, se dá através de uma operação metafórica que consiste em um significante - Nome-do-Pai - sobrepor-se ao que quer que seja o *Desejo da Mãe*. O não estabelecimento desta separação, pois, corresponde a um sujeito acéfalo, alienado, submetido como objeto ao desejo e à demanda do Outro.

O José é por que ele é uma pessoa, que a gente tá fazendo e ele quer muito mais. Ele não fica satisfeito só com aquilo que a gente faz. Ele tem... A irmã dele tava dizendo pra mim, que ele tem um pouco de ciúme. Ele não quer que eu fique muito apegada a ninguém. Quer eu só pra ele. (mãe)

... sempre fui uma pessoa muito ciumento, eu acho que mulher minha não pode nem tocar nem chegar perto. Que eu Falo logo igual a uma canção que tinha: eu tenho ciúmes até do vento, quem tocava nela. (drogadito)

Ele amava mais do que eu. Era. Mais que eu. Ele era doente. (Ex-esposa)

Apesar de parecer ter a tendência de buscar relações simbióticas com as mulheres, o sujeito é uma pessoa benquista pela vizinha, no emprego, ou seja, por onde passava. Tinha um cuidado e uma preocupação muito grandes com a família. Tinha um senso de solidariedade em relação às pessoas, só que não conseguia lidar muito bem com a diferença. Fazia de tudo para agradar as pessoas, mas, quando tinha algum atrito, fazia questão de se isolar. Freud, (1930) em *O Mal Estar na Cultura*, infere a idéia de que, contra o sofrimento causado pelos relacionamentos humanos, a defesa mais direta do sujeito é o isolamento, mediante sua própria vontade, em relação às outras pessoas.

... era um menino bom, ele trabalhava, tinha a família dele vivia bem com a esposa e os filhos, é bom para mim não é ruim para mim não, ele não faz porque não está podendo. Mas ele era bom demais mesmo, todo mundo se admirava. Ele era muito bom para ela, dava as coisas as meninas dela, dava a ela. (drogadito)

Ele era uma pessoa atenciosa com as pessoas. Ele gostava muito de fazer favor. Ele deixava de... ele chegou a deixar de comer pra dar o alimento dele pra outra pessoa. Se descesse que tava com fome, ele deixava de comer pra dar. (irmã)

E como eu era uma pessoa muito comunicativa, uma pessoa que tinha um bom dialogo, uma pessoa muito perceptiva, e não fazia nada por interesse pessoal, fazia tudo de coração, não queria saber se a pessoa tinha chocolate, tinha dinheiro, se tinha nada p me dar, eu só queria fazer porque eu me sentia bem fazendo. E devido ao meu esforço surgiu uma proposta para mim (drogadito)

Aí ele se desgostou com um rapaz lá, um rapaz que ficou implicando com ele lá, porque todo mundo gostava dele e o pessoal lá tinha raiva, porque tinha inveja, todo mundo dava o maior do valor a ele, tudo era com ele lá. Aí começou a inventar a conversa, mais pessoal não acreditaram não. Aí ele, para não haver uma coisa pior entre ele e o rapaz, aí ele preferiu sair. (mãe)

Eu tenho pavio curto, assim se eu penso que ta fazendo mal pra alguém, ou alguém estava me fazendo mal, um dos dois tinha que da o basta e eu sempre achava que eu ia dar o basta. (drogadito)

Durante a adição às drogas

Ao adentrar o consumo excessivo em relação às drogas, o sujeito começa a parar de dar importância as pessoas que o rodeavam. Sua relação familiar piora muito, uma desatenção muito grande em relação à esposa, filho, mãe, irmã; uma total falta de valores para com os outros, não importando nem os limites nem os direitos de cada um estabelecidos pelo social.

Fica até difícil de dizer por que não dá pra entender, eu abandonei tudo eu fiquei mais afastado, para mim tudo era normal e eu não sabia o quanto eles estavam sofrendo com isso. Por causa do meu uso, da minha ausência, porque eles sabiam o que eu estava fazendo. Porque para eles talvez isso nunca acontecesse comigo, aconteceria com o filho de qualquer um, mas com o José filho deles isso nunca aconteceria. (...) A droga me dominou tanto que eu fiquei um cara sem amor, morreu tudo para mim, morreu esposa, morreu irmã, era o mundo da droga e eu. (...) Pratiquei alguns delitos, mas graças a Deus eu nunca fui pego. Mas me sinto mal hoje porque eu fui uma pessoa que sempre gostei de trabalhar para ter tudo, e na rua tá com arma, colocar uma arma na mão e tomar o que não era meu. Eu nunca gostei. Isso tudo pra manter o vício. (...) A minha família era como se fosse essas paredes. Eu entrava aqui tomava uma água, ligava um som, assistia a TV e saía, nem ligava... (...) Meu filho pra mim não existia. A minha mulher era como se ela fosse apenas uma empregada. (...) Chegava em casa queria uma bermuda lavada... (drogadito)

Os laços sociais estabelecidos pelo sujeito estão agora todos em função do uso e do alcance da droga.

Eu sempre queria um canto para usar, porque eu não usava em casa. (...) Eu achava que eles tinham alguma coisa para me oferecer. Era uma relação que, para mim, eles eram pessoas boas, mas eles tinham interesse no que eu poderia propor para eles, que era fazer a famosa presença pra eles, vamos lá para o meu barraco tal, tu me dá só uma pedrinha. (...) É que eu teria passagem livre, porque na favela existe um território então, se passa de tal horário, você não pode passar. É porque lá era onde corria a droga. Eu vivia em função da droga. Os parceiros eram pra propiciar a droga. Pra servir de cobaia.(drogadito)

De acordo com Nogueira Filho (1999) o que ocorre aí é uma desfaçatez em relação ao outro. A relação com a droga dispensa o significativo e como este possibilita a relação com o outro semelhante, ocorre a partir daí uma desfaçatez em relação ao outro.

Santiago (2001) fala de um gozo cínico com a droga: trata-se aí de um ato cínico, na medida em que não se confunde com o ato imoral do canalha, mas sim se

constitui pela ocupação do gozo do corpo fora de laço social. É cínico porque, de certa forma, é uma renúncia ao outro, é “um fazer de conta” que este não existe.

Carneiro (2008) na sua discussão sobre a insistência de um imperativo de gozo distribuído para todos, em uma alegoria do discurso da igualdade, define esta forma de gozar atrelada ao desespero narcisista do clamor por um lugar, que afeta sobremaneira o laço social. O Amo sem rosto é um distribuidor de imperativos de pequenos mandatos e qualquer um pode ser seu representante dentro de um estado de descaracterização da lei. A lei é a do consumo e o próximo é o alvo que pode ser o objeto de qualquer um, não importando o meio que o sujeito se utilize para alcançar o seu fim.

Em volta, todos que compunham um laço sentem sua ausência. A questão é como promover a reinserção. Neste sentido, no tratamento com o sujeito usuário de drogas, este pode ser o momento de grande alavancagem. É quando os componentes do laço, em nome da angústia que os atravessa, podem detectar que há um objeto que demarca a ausência. O trabalho com a família pode começar neste ponto.

ele se afastou muito né? Se isolou, aí eu quando ele se afastou, foi que eu fiquei mais com aquela coisa de não querer saber de nada né: Não, se ele se afastou é porque ele não..., eu achava que era porque ele não gostava mais da gente, tinha trocado a gente pela droga, pelas coisas. Que achava melhor viver com as pessoas erradas do que do lado da gente. (irmã)

Durante o tratamento

É possível notar no relato do usuário que, com sua entrada no tratamento, uma série de valores é reincorporada ao sujeito. Com o cessar do efeito do tóxico, que fragiliza a inscrição da linguagem no corpo, o sujeito progride simbolicamente e começa a se preocupar, ou seja, enxergar novamente o outro e fortalecer seus laços sociais.

Eu tenho que ver que aquela senhora que está lá em pé, cansada do trabalho, está precisando daquele assento. Eu ainda tenho força nas pernas, ela não. Então, eu tenho que dar aquele assento pra ela.

Tem gente lá fora que precisa de mim. (...) Hoje, se você olhar nos olhos da minha mãe, da minha irmã, da minha esposa e dos meus filhos e você vê o sorriso, é uma coisa mais linda do mundo. Porque é sorriso de felicidade e eu vi que eu tinha importância, que eu tinha importância para alguém e que eu não era aquele verme que eu achava que era. (drogadito)

Ocorre um fortalecimento da sua imagem, ao ver que as pessoas responsáveis pelo tratamento se importam com ele, se preocupam com ele, ou seja, olham para ele. Isso é importante para a construção de um lugar para o sujeito dentro do grupo; é como se fosse marcado pelo outro um lugar para ele dentro da estrutura.

O sujeito relata que começa a sentir o apoio familiar e percebe, diante das dificuldades, que realmente a sua família o ama, remetendo-o com isso novamente a um lugar para esse sujeito na estrutura familiar.

Esse fortalecimento dessa imagem do sujeito com a construção de um lugar para ele nos permite fazer referência a uma operação importante para constituição do sujeito, que é a alienação. Segundo Lacan (1964), a alienação é justamente a instituição da ordem simbólica, com a atribuição de um lugar para o sujeito dentro dessa ordem. É um marcador de lugar dentro dessa ordem, que o tira do nada e o transforma em algo, ao representá-lo. É de extrema importância o fortalecimento desse lugar para o sujeito, pois vem inscrever aí um marcador, um símbolo, onde antes avia uma intensificação do real a partir da relação direta com a droga.

Só que não devemos nos esquecer da importância da separação para efeitos de causa do sujeito, pois é ela que interdita a relação direta do sujeito com a droga. Enquanto a alienação diz respeito ao lugar vazio – um marcador – de “não-ser” dentro da ordem simbólica, a separação dá origem ao “ser”, saindo de uma posição de alienação ao desejo do Outro para articular a linguagem segundo seu próprio desejo.

208

Elas deixam de resolver as suas necessidades em casa, seus problemas em casa, e eles vão adquirir mais um problema, que é o meu problema, da minha saúde, do meu bem-estar, se vou estar me sentindo bem, se eu não estou. E gente nem sabe o grau de responsabilidade que as pessoas têm lá fora também. E que deixa tudo lá sozinho pra cuidar da gente que não sabe nem de onde veio nem quem é, não sabe nem um grau de crime que a gente já cometeu, e eles vivem com a gente como se fosse uma família. (drogadito)

E a gente só sabe quem ama a gente, quem gosta da gente, quando a gente cai no buraco. E quando eu caí nas drogas eu descobri que meu Pai me ama. E eu achava que não tinha amor de pai, e meu Pai provou que me amava. (drogadito)

Com o passar do tempo, o sujeito começa a fazer amizades com os *outros* pacientes do Elo de Vida. A partir dessas amizades, surgem convites para consumir a droga na hora de ir para casa, quando termina o expediente do tratamento. O sujeito começa a recair e age, por muitas vezes, de forma agressiva com as pessoas que tentam impedir o seu uso das drogas. A droga aparece mais uma vez aí como sendo mais valiosa para o sujeito do que seus entes queridos. Em nome da droga, o sujeito era capaz de atropelar o direito dos outros, e até mesmo agir de forma agressiva para com ele, aparecendo novamente aí um enfraquecimento simbólico causado pela droga. São restabelecidas então, uma desfaçatez e um cinismo em relação ao Outro a partir do retorno as drogas.

Ele se zangou comigo... veio querer dizer que ia quebrar tudo o que tinha aqui. Ele partiu pra cima de mim, com um litro, ele nunca tinha feito isso. Aí eu fiquei chateada, fiquei revoltada. Porque ele nunca me respondeu, nunca ele foi menino de eu dizer as coisas e ele me responder. (mãe)

A condição de sair depois das cinco da tarde do tratamento possibilitou o contato real com a droga. Começa a se formar dentro do tratamento um grupo em função do uso das drogas e o sujeito acaba aderindo a ele. O discurso dos sujeitos que faziam parte desse grupo apontava sempre para um prazer maior, que dispensa os limites dos significados e suas conseqüentes frustrações.

Ô, eu to com vontade, amanhã eu vou dá um dois e tal” “eu não agüento mais, eu acho que eu posso”. Aí eu ficava assim... (drogadito)

O sujeito recai pela última vez antes de sair do tratamento, em razão de um sofrimento advindo do ciúme da relação entre a mãe e seu namorado. Para Melman (1992), o drogadito, por não possuir uma inscrição paterna bem estabelecida, diante de alguma injunção fálica, essa inscrição não dá conta e ele recorre ao uso das drogas. Segundo Lacan (1964), a Lei paterna é a responsável por estabelecer a separação entre o sujeito e o desejo do outro materno. Parece haver no caso do nosso sujeito uma separação mal estabelecida em relação ao Outro materno.

Foi mais por sentimento. Foi sentimento. Foi coisa de dentro. Eu me senti inútil, né. Que meu pai, “pôrra”, meu pai é muito legal e tudo. Eu não via aquele tratamento com meu pai, aquilo me deu um ódio. Como eu não pude agredir né, eu não fui na agressão né, e nem eu podia fazer nada Eu achei que... Joguei tudo fora. Eu disse: Eu vou usar droga mesmo, que é melhor que ta vendo certos tipos de cena, e eu drogado, eu não vou ta em casa, eu não vou ta ligando pra nada. (drogadito)

O drogadito por uma fraqueza do Nome Pai, não sustenta essa posição de falta. A partir disso se adiciona ao objeto droga, pois não tem suporte simbólico suficiente para fazer luto. Segundo Melman(1992) aí, onde faltam as palavras o tóxico-mano responde com a passagem ao ato, já que a ausência não foi muito bem representada pelo Nome Pai.

Foi por que. Agora da última vez que ele fez. Foi por que a gente tava fazendo o aniversário, e ele não queria que a gente fizesse o aniversário. Aí esse rapaz que vive comigo, nunca fez aniversário dele. Aí ele queria fazer. E ele não queria de jeito nenhum, a raiva dele foi essa. Aí ele com raiva como ele não podia se vingar né. (...) Ele já ficou com os amigos lá pra banda da... Já tava tudo comprado já. Aí ele pegou, com raiva né. Veio e pegou a televisão. (mãe)

Como Freud (1930) relatou uma das principais fontes de mal-estar e talvez a maior, é o relacionamento com os outros homens. O sujeito, como verbalizou

Freud, pode recorrer ao isolamento como fuga desse mal-estar, ou mesmo recorrer à droga como um paliativo para esse mal-estar provindo dos relacionamentos. A partir disso podemos nos remeter a Santiago (2001), quando diz que a droga oferece para o sujeito um gozo cínico. Nesse sentido, é um certo isolamento psíquico a partir da droga, já que ele age como se o outro não existisse.

Foi mais por sentimento. Foi sentimento. Foi coisa de dentro. Eu me senti inútil, né. Que meu pai, “pôrra”, meu Pai é muito legal e tudo. Eu não via aquele tratamento com meu Pai, aquilo me deu um ódio. Como eu não pude agredir né, eu não fui na agressão né, e nem eu podia fazer nada. Eu achei que... Joguei tudo fora. Eu disse: Eu vou usar droga mesmo, que é melhor que ta vendendo certos tipos de cena, e eu drogado, eu não vou ta em casa, eu não vou ta ligando pra nada. Eu vou... Aí foi só por isso mesmo né. Por que não é bom não, o clima é meio chato mesmo. (drogadito)

Após o tratamento

O sujeito abandona o tratamento, justificando que estava nele com vontade de usar drogas. Ele reclama, dizendo que muito disso acontece em razão de droga estar sempre muito em evidência. As pessoas estão reunidas ali em nome do significante droga, os vínculos se estabelecem em nome dela, o sujeito relata como se estivesse, de certa forma, se tornando viciado até do tratamento.

Por que eu já to com quatro meses, aí só caindo, recaindo, só recaindo, só recaindo... Quatro meses, aí o tratamento passou também, já passou ser vício né. Aí eu tive medo de entrar numa overdose lá né. Assim de ta lá dentro e entrando as pessoas. É sempre entrando gente mais nova, e incentivando né. O comentário lá... Não conversam outra coisa. As pessoas não falam de esporte... Oh! O time tava bom! As pessoas não falam de religiões. Só fala de religião quando entra no grupo. Tem o grupo do AA, tem o grupo do Na, tem o grupo do tabagismo né. As pessoas só falam... É só pedra, só maconha, só cachaça, não tem outro assunto. Aquilo vai entrando na cabeça da gente. Aí chega um e diz: “Ô, eu to com vontade, amanhã eu vou dá um dois e tal” “eu não agüento mais, eu acho que eu posso”. Aí eu ficava assim... Aí, rapaz sabe que eu não vou mais não, sabe que vai me fazer é mal. (drogadito)

Desta forma, desde de uma decisão sua, o sujeito larga o tratamento e busca outra saída. Essa saída é motivada pelo desejo de sair da casa da mãe e restabelecer sua família. De acordo com a fala do sujeito, ele troca a posição no tratamento, onde a droga estava o tempo todo sendo alimentada imaginariamente, e vai à busca de um reposicionamento em relação à família.

No momento, com a abstinência de dois meses em relação à droga, o sujeito novamente restabelece seus laços sociais e convive com o outro dentro de certo

limite estabelecido pelas leis da linguagem. O sujeito diz ter relações difíceis dentro de casa, que geram mal-estar, mas, no lugar de ir à busca da droga como uma forma de se isolar do outro e do sofrimento advindo de suas relações, idealiza uma saída pautada nas leis da linguagem.

Sonhando em poder viver em harmonia com o filho e a mulher em uma casa para a família, ele pensa em se estabelecer socialmente, e a trabalhar para alcançar tal objetivo. Isso aparenta que o sujeito busca o relacionamento ideal com a esposa e com o filho fundado em um Eu Ideal. Não se sabe até que ponto esse sujeito pode estabelecer doravante um aparato simbólico que o remeta a um Ideal de Eu, que possa sustentá-lo em uma posição de não-adição as drogas, diante de um discurso social que promete um gozo excessivo. Esta discussão é levada a cabo com Carneiro (2007) na discussão sobre o Amo distribuidor de gozo que não guarda uma cara que sirva de identificação, nem muito menos com um possível comprometimento distinto de um imperativo de consumo.

(...) Quero viver outras coisas não quero mais ficar lá só falando de droga e a minha vida parada. Quero trabalhar, comprar um transporte pra mim, ter minha casinha com minha esposa, isso lá no tratamento não estava sendo possível e eu só estava era ficando com vontade de usar por causa do comentário do pessoal. (drogadito)

Categoria: A relação com os demais objetos

Antes da adição a droga

Podemos perceber que, antes da adição as drogas, o sujeito circulava entre os objetos, de forma a deixar claro sua condição desejante. Não havia neste momento nem uma posição de fixação em relação a nenhum objeto, mostrando assim a marca do objeto da pulsão que, segundo Freud (1905), diferentemente do objeto da necessidade, não é pré-definido. Pelo contrário, temos relatos da sua própria irmã que dizem respeito a sua boa vontade em emprestar seus objetos. Havia a idealização dos objetos que pretendia possuir, ou seja, havia um encobrimento imaginário dos objetos, mas o sujeito se submetia aos limites impostos pela cultura para tentar alcançá-los. O sujeito trabalhou para adquirir uma casinha para a sua mãe, passou por um curso dentro do teatro para assumir a posição de técnico de iluminação, dentre outras coisas.

É, ele tinha cuidado, gostava e tudo, mas não se apegava a nada né? Fosse uma coisa que você quisesse, ele era capaz de dá e comprar outro. Se a pessoa gostasse de uma coisa, ele dizia assim: "Gostou?", ele dizia: "Táí", entregava nas mãos da pessoa. (irmã)

(...) *Eu conseguia assim ganhar mais dinheiro, porque quando eu fazia um projeto de iluminação, e ia montar e operar qualquer evento, qualquer iluminação minha a remuneração era maior. E assim fui evoluindo. (...) Nessa época eu já tinha me estabilizado. Tinha minha motocicleta do ano, tinha meu carrinho de segunda mas em ótimo estado. Dei uma casinha pra minha mãe.(drogadito)*

A relação com os objetos era mediada pela linguagem. Neste sentido, os objetos adquiriam um valor simbólico para o sujeito, banhado pelo significante. Há uma valorização desse objeto, mas também uma relação limitada para com este. Como existia este limite, o sujeito não se satisfazia plenamente com nenhum objeto, com isso, não se fixava em nenhum e circulava entre todos em busca de algo que não existe que é o objeto do seu desejo, ou “objeto *a*”, assegurando sua posição de sujeito desejante.

(...) *desde pequeno eu tinha vontade de ter o que era bom, acho que por não ter tido eu pensei: vou trabalhar pra ter o que é bom. (...) Eu nunca fui assim de me pegar a bens materiais, mas eu tratava bem, eu deixava ele sempre limpo, sempre não deixava os meninos mexer... Eu sempre fui de substituir, porque eu acho que uma coisa quebrada ela jamais... (...) Eu tratava com muito cuidado, porque eu via que custava tanto eu conquistar aquilo que eu tinha mais zelo. (droadicto)*

Durante a adição à droga

A partir do momento em que o sujeito se fixou ao objeto droga, todos esses objetos, que possuíam um valor simbólico para ele, perderam a importância. O sujeito não está mais interessado por um prazer mediado pelo significante que impõe impossibilidade de apreensão dos objetos, mas sim por um prazer que enfraquece esse limite imposto pelo significante, e obtido a partir do objeto encravado no corpo biológico. Não está mais em busca de uma relação mediada pelo significante, e sim de uma relação direta com os objetos.

O símbolo e os objetos revestidos por ele perdem o interesse do sujeito. O revestimento simbólico e imaginário dos objetos é enfraquecido. O que está em evidência aí é a pulsão de morte, que fixa o sujeito num só objeto, como se o próprio sujeito estivesse morto, e junto com ele sua condição desejante. O sujeito perde o gosto pelo trabalho porque não interessa para ele um gozo mediado por atribuições e sob condições limitadas, que é o gozo fálico. O trabalho exige do sujeito uma adequação a uma ordem, ou seja, a uma lei organizada pela linguagem. O sujeito não se motiva mais para este gozo restrito a partir da linguagem, ele quer o prazer direto e imediato das drogas.

Ai o que aconteceu, eu perdi o gosto pela minha profissão, ai perdi os contatos. (...) Na época que eu tava usando, podia até tacar no chão as coisas que eu tinha que... Eu não tava nem aí... Podia esbagaçar. (...) eu abandonei tudo... (...) A droga me dominou tanto que...morreu tudo p mim... (...) A parte artística eu isolei antes que isso gerasse um conflito maior. (drogadito)

O sujeito troca todos os objetos em nome de um; tudo o que ele busca nos outros objetos é um meio para garantir o objeto droga que no caso, se aproxima muito do objeto da necessidade, pois ganha um caráter de objeto específico, ao se posicionar como único objeto que mobiliza o sujeito.

Eu sempre fui muito vaidoso por esse tipo de coisa, sempre quis ter um aparelho bom na minha casa, sempre quis que a minha sala fosse um cartão de visita pro restante da casa. Eu tinha tudo isso na minha casa. E a droga foi levando de um em um... de um em um...Se o objeto custava cem pra mim eles me davam cinco reais. O que importava era o que o traficante botava em cima do valor do objeto que eu tivesse. Se valesse de cem reais e ele dissesse que só valia dez, eu dava pelos dez. (...) Só pensava em ter uso di-nheiro pra o uso. (drogadito)

O próprio corpo do sujeito é empobrecido em sua forma imaginária e simbólica. O sujeito não se relaciona mais com o próprio corpo através de uma mediação pela linguagem, mas sim de uma forma direta por uma intervenção química que afeta o funcionamento do organismo biológico. O sujeito parece não estar mais em busca de um eu ideal, nem submetido a um ideal de eu. Ele começa a lidar com o próprio corpo, quase diretamente no real, consumindo-o a partir da alteração orgânica provinda da droga. Isso reflete até no próprio trato com o corpo evidenciado pelo descuido e descaso do sujeito com sua aparência, ou seja, sua imagem (roupa, cabelo, unhas etc).

Eu me entreguei mesmo as baratas. Eu me entreguei, não. As drogas me 'levou' as baratas. (...) Nessa época eu não pensava nem em mim. Na peca fundamental que era eu, eu não tinha amor nem por mim mesmo. A droga me dominou tanto que eu fiquei um cara sem amor (...) (drogadito)

Eu tive depressões vontade de morrer vontade de me matar. (...) Eu tinha. Eu quero morrer de overdose. Suicídio através da droga... (...) Sabia. Eu disse: tem uma maneira de eu limpar tudo: é eu me sumindo, então vou morrer de overdose. (drogadito)

Lembremos aqui, do que Coelho (2003) fala em relação ao trágico no drogadito: enquanto o *mais-gozar* apela a uma lei que o interdite, o gozo do drogadito, que coloca seu organismo em cena através de um efeito químico, vai

encontrar seu limite, lá onde o real e o imaginário se conjugam no gozo do Outro, no fim da existência, a morte.

Ele disse: ou ele, ou as drogas, ou a morte. Era o que viesse, ele “tava” pronta pra receber tudo. Ele “tava” muito “aviciado”, ficava doidinho ele. (ex-amante)

Segundo Melman (1992) há uma consumação na tentativa de incorporar esse objeto tornando-o verdadeiramente preso ao corpo, como o corpo é uma cadeia significante isso é impossível, nenhuma dose conseguiria a não ser por uma única maneira, a *overdose*.

Durante o tratamento

Com o tratamento e com o objeto droga desencravado do próprio corpo, pois o sujeito estava em abstinência, o sujeito se afasta desse prazer que privilegia o organismo e começa a reinvestir simbolicamente nos objetos, relatando o remorso por ter perdido tanta coisa em nome da droga. Começa a idealizar novamente os objetos e, conseqüentemente, desejá-los, submetendo-se aos limites impostos pela estrutura de linguagem.

Tenho vontade de voltar para área do teatro, voltar a ter parceiros bons de novo... Eu hoje eu estou vendo que é bom fazer o que você gosta, não o que você quer ou que você é obrigado a fazer, mas sim o que você gosta... E ter amor acima de tudo, além da dedicação para o serviço, ter amor aquilo que eu vou fazer, porque sem amor ai fica sem saída e volta pro nada. r o projeto só no papel. (drogadito)

O sujeito restabelece a preocupação consigo mesmo, retomando os cuidados com o corpo, com a aparência e higiene, caracterizando uma retomada do corpo pelo significante, ou seja, uma relação com o corpo mediada pela linguagem e todas as leis intrínsecas a ela. A natureza dessa relação mediada pelo significante, se distância neste sentido de uma relação, que privilegia a fonte orgânica da pulsão e despreza o significante, como é o caso da relação do sujeito com a droga no auge do seu consumo.

As roupas que eu usava pra trabalhar é as que hoje servem de veste pra mim ir pra qualquer canto... (...) Primeiro eu pretendo freqüentar uma boa academia pra não deixar a peteca cair... vai chegando uma certa idade né que eu tenho... (...) também eu vou ter que arrumar primeiro umas vestes boas pra depois correr atrás, porque não é em qualquer canto que eu vá entrar de bermuda nem de chinelo, a aparência, em primeiro lugar. (drogadito)

Após um período inicial de dois meses de distanciamento da relação de fixação à droga, dentro do tratamento, o sujeito começa a recair. O significante fálico,

responsável pela organização do sujeito dentro do mundo da linguagem, estabelecendo sua relação de distanciamento em relação aos objetos, parece então falhar. Esse significante, responsável pela sustentação da sua condição de falta condição, esta que o faz circular entre os objetos da cultura, falha diante de uma injunção simbólica. Por falta de um aparato simbólico bem inscrito para o sujeito, que poderia sustentar-lhe numa posição de abstinência da droga, ele acaba retornando a sua relação de fixação com a droga e se desfazendo novamente dos objetos de dentro da casa da sua mãe para adquirir a droga. Isso demonstra novamente um enfraquecimento do sujeito da linguagem e uma intensificação da fonte orgânica da pulsão que clama pelo objeto (droga) de sua quase-necessidade, se podemos nos referir desta forma.

Por que eles dão o vale transporte. Ele pagava a passagem com os vales e me pedia o dinheiro, dizia que não tinha vale. Aí eu dava aí aquele dinheiro que eu dava ele juntava aí ele ia fazer (...) ele chegou em casa, ele chegou em casa e entrou, pegou uma bermuda e disse que ia dar a um amigo dele, porque a bermuda não servia pra ele. Aí eu confiei, confiei que ele ia levando só a bermuda. Mas deixa que ele não tava levando só a bermuda. Aí esse rapaz que ta sentado aí, ele conversa comigo né. Aí a bebida era dele, ele pegou o litro de bebida e levou. (...) Ele já ficou com os amigos lá pra banda da... Já tava tudo comprado já. Aí ele pegou, com raiva né. Veio e pegou a televisão. (mãe)

Após o tratamento

Após a saída do tratamento e uma nova abstinência das drogas o sujeito retoma a investir simbólica e imaginariamente nos objetos, reassumindo a atitude de circulação entre os objetos, não se fixando mais na droga há um mês. Diz que o tratamento de certa forma o fixou às drogas, impedindo que ele circulasse entre os outros objetos. Dentro do tratamento ele não podia trabalhar, adquirir uma casa para ele nem reconstruir sua família. Segundo ele, ele precisava falar sobre coisas diferentes, ver coisas diferentes, e não ficar o tempo todo falando sobre droga. Ele diz que, neste sentido, o próprio tratamento estava virando um vício. Ele queria ver algo além da dependência dele à droga, alguma crise que tivesse importância para a vida dele depois da saída das drogas e para a reconstrução da família dele, reconstrução esta que estava sendo muito idealizada.

Eu deixei assim, que eu ia tentar sair dessa vida sem o tratamento mesmo. Que o tratamento já tinha dado o que tinha de dar. Quero viver outras coisas não quero mais ficar lá só falando de droga e a minha vida parada. Quero trabalhar, comprar um transporte pra mim, ter minha casinha com minha esposa, isso lá no tratamento não estava sendo possível e eu só estava era ficando com vontade de usar por causa do pessoal comentando

e chamando. (...) Eu tenho a vontade de sair e viver a minha vida (...). Arrumar um emprego pra poder trazer a minha esposa e meus filhos pra dentro de casa. Reunir minha família, novamente. Levar meu filho para o estádio. (...) quarta-feira, o meu filho queria ir para o estádio, e eu não tinha dinheiro pra levar ele para o estádio. (drogadito)

4. Considerações finais

Antes da adição, pudemos perceber que o sujeito apresenta uma inicial rejeição, em relação às drogas, que passa por mudanças a partir do efeito de um discurso idealizador da droga, oriundo de seus laços sociais. Isso nos faz pensar nesse discurso, já como um efeito de um discurso dominante que Lacan (1969- 1970) chama de discurso capitalista. A respeito de suas relações com as pessoas, constatamos que o sujeito vivenciou uma relação relativamente desregrada com a mãe, quando ela atendia a todos os seus apelos. Suas relações na infância também foram marcadas por uma ausência do pai, pois este era alcoólatra. Essas peculiaridades apontam para uma fraca intervenção de um terceiro, que venha representar a Lei e inscrever o sujeito na cultura. Isso nos remete a Coelho (2003) quando se reporta a uma fragilidade da inscrição do Nome-do-Pai na toxicomania.

Durante a adição, o sujeito se fixa ao objeto droga. Ele se apresenta aí como a única coisa que importa para o sujeito, ganhando um estatuto que se aproxima do objeto predefinido, ou seja, objeto da necessidade (Nogueira Filho, 1999). Os demais objetos sofrem de completa “desidealização” por parte do sujeito, e começam a se apresentar a ele apenas como meios para o alcance das drogas. O sujeito não está mais em busca de uma relação mediada pelo significante, e sim de uma relação direta com o objeto droga. Com isso, faz de tudo, vende troca, distribui, enfim, qualquer ato que garanta a compra de droga. O próprio corpo do sujeito é empobrecido em sua forma imaginária e simbólica. Ele não se relaciona mais com o próprio corpo mediado, majoritariamente, pela linguagem, mas sim de uma forma direta por uma intervenção química que afeta o funcionamento do organismo biológico.

Ao aderir ao tratamento, o sujeito se abstém do seu uso, mas a droga ainda continua de certa forma idealizada pelo sujeito, que ainda relata um impulso para consumi-la. Durante o tratamento, também há uma identificação com o significante “doente”, funcionando até certo ponto como um limite para uma relação direta com a droga. Neste momento, o sujeito começa a reinvestir simbolicamente nos objetos, relatando o remorso por ter perdido tanta coisa em nome da droga. Começa a idealizá-los novamente e, com ela, reaparecem os limites impostos pela estrutura de linguagem.

Com a entrada no tratamento, o sujeito aparenta progredir simbolicamente, relatando que está reincorporando uma série de valores, enxergando novamente o próximo e fortalecendo seus laços. Isso é acompanhado por um resgate imaginário de si, ao perceber a importância que tem para a equipe de profissionais do tratamento e para os familiares, marcando um lugar para o sujeito no tratamento e na família.

Após uma série de recaídas, o sujeito deixa de ir ao tratamento e não mais retorna. Diz só voltar ao tratamento se for para ficar internado em tempo integral. Isso nos faz pensar que o sujeito não se vale de um aparato simbólico suficientemente forte para garantir uma posição de subjetiva restituída pela lei, e sente falta da droga. Ele necessita de um limite no real para garantir sua abstinência à droga. Diz que vai tentar se curar por si e vai fazer de contas que está internado. Essa posição aponta para a necessidade de uma construção simbólica de limite.

O sujeito também explica sua saída por uma falta de tolerância em relação aos limites do tratamento. Apesar de o sujeito ter sido fortalecido imaginariamente a partir da importância que o outro dava a ele, ele parece não ter preparado um suporte simbólico suficiente e eficiente para lidar com as frustrações intrínsecas ao tratamento.

Outro motivo alegado pelo sujeito para não voltar para o tratamento foi que ele estava lá e continuava sentindo vontade de usar a droga. Segundo ele, os vínculos estabelecidos por lá são todos em função da droga, só se falava em droga, ela estava sempre em evidência. Podemos inferir que isso possa ter funcionado para este sujeito como um fortalecimento imaginário do objeto droga impulsionando-o para ela.

Assim, após a saída do tratamento e uma nova abstinência às drogas, o sujeito volta a investir simbólica e imaginariamente nos objetos, reassumindo a atitude de circulação entre os objetos, não se fixando a ela durante dois meses. Diz que o tratamento, de certa forma, o fixou às drogas, impedindo que ele circulasse entre os outros objetos. Dentro do tratamento, ele não podia trabalhar adquirir uma casa para ele e nem podia reconstruir sua família. Segundo ele, precisava falar sobre coisas diferentes, ver coisas diferentes, e não ficar o tempo todo falando sobre droga. Ele fala que, neste sentido, o próprio tratamento estava virando um vício.

Referências

CARNEIRO, H. F. *Que Narciso é esse?* Fortaleza: Ed. do autor, 2007.

_____. O sujeito nas armadilhas da tecnociência: desafios para o mal-estar da época. In: *Revista Polêmica*. Volume 8 (4) - outubro/dezembro 2008. (no prelo).

COELHO, M. "Adicto": sujeito e objeto na toxicomania. 2003. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Centro de Ciências Humanas da Universidade de Fortaleza.

COSTA, J. F. *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

DÖR., J. *O pai e sua função em psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

FREUD, S. (1905). Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969, vol. VII.

_____. (1914). Sobre o Narcisismo: Uma Introdução. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XIV.

_____. (1920). Além do Princípio do Prazer. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1974, vol. XXI.

_____. (1924). O Problema Econômico do Masoquismo. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1974, vol. XXI.

218

_____. (1930 [1929]). O Mal-Estar na Civilização. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1974, vol. XXI.

LACAN, J. (1953-1954). *Os escritos técnicos de Freud*. (O Seminário, Livro 1). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

_____. (1953-1954). *A relação de Objeto*. (O Seminário, Livro 4). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

_____. (1964). *Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*. (O Seminário, Livro 11). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. (1969-1970). *O Avesso da Psicanálise*. (O Seminário, Livro 17). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

MEDINA, C. DE A. *Entrevista – Diálogo possível*. Série Princípios. São Paulo: Editora Ática, 1986.

MELMAN, C. *Alcoolismo, delinqüência, toxicomania: outra forma de gozar*. São Paulo: Escuta, 1992.

_____. *Clínica psicanalítica: artigos e conferências*. Bahia: UFBA, 1991.

NOGUEIRA FILHO, D.M. *Toxicomanias*. São Paulo: Escuta, 1999.

PONCZEK, I. S. Entre Parênteses. In: ACSELRAD, G. & INEM, L. *Drogas: uma visão contemporânea*. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1993, p. 40-57.

RUBIN, H. J., & RUBIN, I. S. *Qualitative interviewing: the art of hearing data*. Thousand Oaks: Sage, 1995.

SANTIAGO, J. Toxicomania e Perversão. In: ACSELRAD, G. & INEM., L. *Drogas: uma visão contemporânea*. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1993, p. 34-49.

_____. *A Droga do Toxicômano – Uma parceria clínica na era da ciência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

YIN, R. K. *Estudo de Caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

Resumos

Presentamos un estudio de caso realizado con la intención de investigar las construcciones subjetivas de un sujeto adicto en régimen de tratamiento día ambulatorio. La drogodependencia representa la eclosión de un síntoma social que explota en gran escala en la contemporaneidad. El sujeto adicto se encuentra adicionado al objeto droga como se fuera una forma de garantizar su felicidad plena. Los efectos causados son complejos, pues expone el sujeto a un empobrecimiento de sus lazos sociales. Nuestro recorrido teórico tuvo como referencia el psicoanálisis. La elección por una metodología de estudio de caso, caracterizada como un abordaje de investigación cualitativa, permitió la utilización de instrumentos como la entrevista semiestructurada, observaciones en el locus de atención a los sujetos adictos y la organización de los datos bajo la forma de categorías temáticas. La conjunción de datos obtenidos y analizados enfatizaron las construcciones de sentido realizadas por el sujeto y su relación con las drogas, con las personas y los objetos en general. Los resultados demostraron que la afectación del sujeto por la droga se insiere de forma significativa en la relación con el próximo y con el campo de la realidad de los objetos. El tratamiento permitió que el sujeto hiciera construcciones con vistas el sentido y el abandono de las drogas. Al final, el sujeto reincide en el uso de drogas, pero sigue con sus construcciones subjetivas respecto a sus relaciones con la droga, los demás objetos y las personas.

Palabras clave: constitución subjetiva, afectación subjetiva, drogadicción, Psicoanálisis, tratamiento día ambulatorio

Il s'agit d'une analyse de cas réalisée dans l'intention d'investiguer les constructions subjectives effectuées par un usager de drogues en régime de traitement-jour. La dépendance de drogues est un symptôme social qu'a eu son éclosion dans la contemporanéité. Le sujet se trouve adictivé à l'objet drogue

comme si celui-ci était la garantie du bonheur complet. Sa problématique est complexe car elle provoque un certain appauvrissement subjectif et un affaiblissement de ses liens sociaux. Notre parcours théorique a eu comme référence la psychanalyse. Notre étude du cas clinique est une recherche qualitative dont l'instrument d'obtention de données a été l'interview semi-structurée. Ces données ont été ordonnées sous la forme de catégories thématiques qui focalisent les constructions subjectives et leurs rapports avec la drogue, avec les autres personnes et avec les objets. Les résultats ont pu démontrer une affection du sujet drogué avec des effets sur son rapport aux autres et aux objets en général. Du à son entrée en cure, le sujet a pu faire certaines constructions en tant que des essais pour sortir de sa position par rapport à la drogue. Il rechute et quitte le traitement, en donnant suite à des constructions subjectives à propos de sa relation aux drogues, aux divers objets et aux autres.

Mots clés: constitution subjective, affection subjective, drogadicção, Psychanalyse, traitement-jour

220

Subjective constructions of a drug addict

This is a case study aimed to investigate the subjective constructions built by a drug addict in a semi-open rehabilitation regime. Drug addiction is a social symptom that has appeared on a wide scale in the last years. The addict takes the drug as if it is going to guarantee his full happiness. This is a complex situation, once it causes in the individual a certain subjective impoverishment and a weakening of his social bonds. Our theoretical journey had psychoanalysis as its reference point. Our case study is a qualitative research, based on semi-structured interviews. Data were organized under thematic categories, focused on the individual's subjective constructions regarding his relationship with the drug, with other people and with other objects. The results showed a subjective effect on the drug addict, affecting his relationships with other individuals and objects. Once in a rehab treatment, the individual builds some subjective constructions when trying to escape such position regarding the toxic. The subject relapses and leaves treatment while continuing with the building of these subjective constructions regarding his relationship with the drug, with the other objects and with other people as he tries to reposition himself.

Key words: subjective constitution, subjective effect, drug addiction, Psychoanalysis, semi-open rehabilitation.

Versão inicial recebida em setembro de 2008
 Versão aprovada para publicação em outubro de 2008

HENRIQUE FIGUEIREDO CARNEIRO

Psicanalista, doutor em fundamentos y desarrollos psicoanalíticos (UPCO – Madrid), Professor titular e coordenador do Mestrado em Psicologia da UNIFOR, coordenador do LABIO (Laboratório sobre as novas formas de Inscrição do Objeto), e do CLIO – Clínica do Objeto, membro do GT Psicopatologia e Psicanálise da ANPEPP e membro da Associação Universitária de Psicopatologia Fundamental – AUPPF

Rua Aloísio Soriano Aderaldo, 150 – Apto. 202

60.191-260 Fortaleza, CE

Tel.: 55 85 30.81.79.37

E-mail: henrique@unifor.br

FRANCISCO ANTONIO GUIMARÃES FILHO

Psicólogo, mestre em Psicologia pela Universidade de Fortaleza - UNIFOR.

Fortaleza, CE

E-mail : guimaraes@edu.unifor.br